

# VIA TEOLÓGICA

Volume 50 – Número 25 – dez./2024  
ISSN 2526-4303

## A AUTORIA DA COMPOSIÇÃO FINAL DO PENTATEUCO: AS NOVAS TENDÊNCIAS DA CRÍTICA DIACRÔNICA À LUZ DA ANÁLISE ESTILÍSTICA SINCRÔNICA

THE AUTHORSHIP OF THE FINAL COMPOSITION OF  
THE PENTATEUCH: NEW TRENDS OF DIACHRONIC  
CRITICISM IN THE LIGHT OF SYNCHRONIC STYLISTIC  
ANALYSIS

Me. Marcos Luz



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

# A AUTORIA DA COMPOSIÇÃO FINAL DO PENTATEUCO: AS NOVAS TENDÊNCIAS DA CRÍTICA DIACRÔNICA À LUZ DA ANÁLISE ESTILÍSTICA SINCRÔNICA

THE AUTHORSHIP OF THE FINAL COMPOSITION OF  
THE PENTATEUCH: NEW TRENDS OF DIACHRONIC  
CRITICISM IN THE LIGHT OF SYNCHRONIC STYLISTIC  
ANALYSIS

Me. Marcos Luz<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Mestre em Teologia pela FABAPAR, pós-graduado lato sensu em Ciência da Religião pela FSBRJ e em Segurança em Cidadania pela UCAM-SNSP, bacharel e licenciado em História pela UERJ e bacharel em Teologia pelo ITF-USF. E-mail: marcosluz.fabapar@gmail.com.

## RESUMO

A partir da constatação do caráter compósito do Pentateuco, o presente artigo tem por objetivo investigar a autoria de seu redator final, ou seja, o responsável ou os responsáveis pela reunião e ordenação dos materiais mosaicos. Essa investigação é realizada por meio de uma comparação entre dois tipos de análise: diacrônica e sincrônica. A pesquisa analisa a formação do Pentateuco por meio da confrontação das novas tendências críticas com uma análise estilística realizada sobre o conjunto total de seus cinco livros. Assim sendo, o artigo responde às seguintes questões: a abordagem sincrônica chamada análise estilística e as novas tendências da abordagem diacrônica de leitura do Pentateuco, embora sejam abordagens metodologicamente distintas, apontam para resultados convergentes ou divergentes? Se convergentes, podem fornecer indicativos para a identificação do(s) responsável(is) por sua composição final? Acredita-se que sim, conforme será exposto. A pesquisa foi bibliográfica com abordagem qualitativa, o método foi comparativo e seu objetivo é explicativo.

### PALAVRAS-CHAVE

Pentateuco. Redação final. Análise estilística. Estrutura concêntrica.

## ABSTRACT

Based on the observation of the composite nature of the Pentateuch, this article aims to investigate the authorship of its final editor, that is, the person or persons responsible for the collection and organization of the Mosaic materials. This investigation is carried out by means of a comparison between two types of analysis: diachronic and synchronic. The research analyzes the formation of the Pentateuch by confronting the new critical trends with a stylistic analysis carried out on the entire set of its five books. Thus, the article answers the following questions: do the synchronic approach called stylistic analysis and the new trends of the diachronic approach to reading the Pentateuch, although they are methodologically distinct approaches, point to convergent or divergent results? If convergent, can they provide indications for the identification of the person(s) responsible for its final composition? It is believed that they do, as will be explained. The research was bibliographic with a qualitative approach, the method was comparative and its objective is explanatory.

### KEYWORDS

Pentateuch. Final writing. Stylistic analysis. Concentric structure.

## INTRODUÇÃO

As análises bíblicas podem ser classificadas em diacrônicas e sincrônicas. As primeiras buscam conhecer o processo formativo dos textos bíblicos por meio da identificação de suas distintas camadas literárias, fragmentando-os em supostos extratos de origens cronologicamente distintas. Já as análises sincrônicas, como por exemplo a análise estilística, abordam o texto sem enfatizar seu caráter compósito, privilegiando as estruturas textuais integralmente em sua forma final, conforme chegou até nós. A questão motivadora é investigar a possível autoria da composição final do Pentateuco por meio de uma comparação entre as novas tendências de sua análise crítica diacrônica com uma análise estilística sincrônica do conjunto de seus cinco livros.

A teoria das fontes do Pentateuco, ou hipótese documental, foi o principal paradigma crítico diacrônico sobre a formação do Pentateuco por cerca de quase um século. Esta, em sua formulação clássica, compreendia que a forma atual do Pentateuco era o resultado de um processo literário-editorial que amalgamou, de forma complexa, quatro documentos escritos pré-existentes: as fontes Javista (J), a Eloísta (E), a Sacerdotal (P) e a Deuteronomista (D).

As novas tendências da crítica diacrônica já não mais entendem tais fontes como tendo sido documentos escritos, mas como tradições independentes que contêm características literárias e teológicas que as particularizam. Tendem a não mais reconhecer as fontes Javista e Eloísta como possíveis unidades autônomas, mas apenas um somatório de múltiplos e diversificados fragmentos que foram reunidos complementarmente às fontes Sacerdotal e Deuteronomista, estas sim reconhecidas ainda como tradições com coerência interna identificáveis e delimitáveis. As novas tendências tendem a valorizar cada vez mais a importância do período pós-exílico para o processo de composição final do Pentateuco, e, por esse motivo, especialmente a fonte Sacerdotal, que provém especificamente deste referido período histórico.

A importância da forma final do texto, considerada sua forma inspirada, confere relevância maior às análises sincrônicas, sem por isso deixar de dialogar com as novas tendências das análises críticas diacrônicas. A análise estilística, uma análise sincrônica, é capaz de revelar o centro teológico e literário do Pentateuco por meio da percepção de uma figura estilística que engloba a totalidade de seus cinco livros. Este centro, emoldurado por diversos outros textos, se encaixa perfeitamente em todas as características da chamada fonte Sacerdotal, revelando assim uma confirmação estilística sincrônica às novas tendências da crítica diacrônica.

A primeira parte deste artigo abordará o conceito de análise diacrônica e sua mais expressiva formulação em relação ao Pentateuco: a Hipótese Documental ou Teoria das Fontes do Pentateuco. Após constituir-se o principal paradigma acadêmico para compreensão da origem do Pentateuco por cerca de um século, tal modelo passou a ser questionado no último quarto do século XX. Isso será abordado no item “A crise da Teoria das Fontes”. Em seguida será feita uma exposição das novas tendências da crítica diacrônica ao Pentateuco.

A segunda parte do artigo apresentará uma análise metodologicamente distinta do Pentateuco: uma análise sincrônica, mais especificamente a análise estilística. Esta é capaz de detectar uma determinada figura de estilo presente no conjunto de seus cinco livros denominada estrutura concêntrica, que será analisada. Ao final, será feito um comparativo entre os resultados das duas metodologias de análise, tendo o conjunto total do Pentateuco como objeto.

Pretende-se demonstrar que o estudo crítico diacrônico do Pentateuco tem rumado, em suas novas tendências, para percepções que vão ao encontro dos resultados da análise estilística sincrônica que pode ser realizada sobre o conjunto total de seus livros, e que seu comparativo pode indicar o(s) responsável(is) por sua redação final, ou composição final.

As análises diacrônicas do processo de composição formativa dos textos bíblicos tendem a fragmentar os mesmos. As análises sincrônicas, por sua vez, privilegiam o estudo das Sagradas Escrituras na forma final do texto, esta considerada sua forma inspirada. No entanto, tal diferença não exclui a existência de diálogo entre análises sincrônicas e os avanços da pesquisa crítica diacrônica. Um exemplo de tal diálogo, especificamente no campo de estudos sobre a formação do Pentateuco, pode ser encontrado em Gusso (2003, p. 138), inspirador do presente artigo; e também em Gusso (2011, p. 8), onde a definição pela absoluta maior importância da busca do sentido original dos textos em sua forma final ocorre após e a partir de explanações sobre os estudos diacrônicos do Pentateuco.

A análise estilística busca identificar e analisar figuras de linguagem existentes no texto. Ela pode ser aplicada sincronicamente ao conjunto total dos cinco livros iniciais do cânon (MORAES, 2018, p. 140), pois estes formam tradicionalmente, há milênios, uma unidade: o rolo (único) da Torá. Tal análise é capaz de perceber e destacar, sincronicamente em relação ao conjunto total do Pentateuco, realidades estilísticas que vão perfeitamente ao encontro das novas tendências de sua crítica diacrônica. Considerando que “sacerdotes e escritores sacerdotais provavelmente são responsáveis pela forma final e retórica geral da própria Torá” (BRIGGS; LOHR, 2013, p. 145), a análise estilística é capaz de lançar luzes esclarecedoras quanto ao processo de composição do Pentateuco, conforme suas mais recentes tendências. Isto torna relevante o estudo comparativo entre as análises crítica diacrônica e estilística sincrônica.

## I. A FORMAÇÃO DO PENTATEUCO: UMA ANÁLISE DIACRÔNICA

As mais antigas tradições judaicas e cristãs afirmam que Moisés escreveu toda a Torá, ou seja, o Pentateuco. “A tradição antiga, sem dúvida, atribui a Torá a Moisés” (SKA, 2016, p. 185). Porém, “não se pode negar a existência de várias fontes por trás do texto atual do Pentateuco” (GUSSO, 2003, p. 136). Apesar de Moisés ter fundamental importância na composição do conjunto, ser a base e certamente o autor de muitas de suas partes, as grandes diferenças de conteúdos e estilos no interior do Pentateuco apontam para a possibilidade de uma múltipla autoria. Além disso, houve também todo um trabalho tardio de redação e organização dos materiais que, hoje reunidos, formam o Pentateuco (GUSSO, 2011, p. 4-5). A maioria dos estudiosos hoje concorda que os textos bíblicos passaram por processos históricos de desenvolvimento composicional e redacional (BROTZMAN; TULLY, 2021, p. 262).

No século XII, observando algumas partes do livro de Deuteronômio, o rabino Ibn Esra (1089-1167) percebeu a impossibilidade de Moisés ter escrito pessoalmente todas as partes do Pentateuco (GUSSO, 2003, p. 114). Karlstadt (1486-1541) foi o primeiro teólogo protestante que destacou a impossibilidade de Moisés ter escrito sobre sua própria morte no final de Deuteronômio, fato também sinalizado posteriormente por Richard Simon (1638-1712), que de igual forma também afirmou a presença de um inegável caráter compósito no Pentateuco (PURY, 1996, p. 19). Percebe-se que Moisés não pode ter escrito todo o Pentateuco na grande quantidade de vezes em que os textos se referem a ele na terceira pessoa (GOTTWALD, 1998, p. 24).

Entre os primeiros “críticos da Bíblia” estão o inglês Thomas Hobbes e o judeu holandês Baruch Spinoza em meados do século XVII. Ambos afirmaram que Moché não poderia ter escrito a Torá, pelo motivo de haver referências a ele na 3ª pessoa. Além disso, esses autores ressaltam o fato de a Torá conter, em seus últimos versículos, a narrativa da morte de Moché, bem como fatos ocorridos após o seu falecimento (LEWINSKI, 2021, p. XIX).

Constitui um consenso das pesquisas sobre o Pentateuco que ele não pode ter sido todo escrito por um único autor (ZENGER, 2003, p. 63). “Há indícios de que, em alguns casos, um livro foi criado, reconhecido como normativo, depois foi revisado e, então, essa revisão normativa começou a ser copiada” (BROTZMAN; TULLY, 2021, p. 44). Os livros que compõem o Pentateuco passaram por um longo processo de desenvolvimento, no qual ocorreu a reunião de materiais diversos (BROTZMAN; TULLY, 2021, p. 263). “O Pentateuco é uma obra compósita, e disso não persiste mais dúvida” (SKA, 2003, p. 245). Tal processo de composição, em geral, seguiu o chamado “princípio da adição”, que implicava no mais profundo respeito à dignidade intocável dos textos mais antigos (CRÜZEMANN, 2012, p. 476). A partir da constatação de tal caráter compósito, surgiram três modelos básicos de hipóteses: a hipótese dos complementos, a dos fragmentos e a das fontes.

A *hipótese dos complementos* (ou hipótese do escrito básico) sugere que existia um documento básico único que foi ampliado diversas vezes e em vários locais ao longo da história e da tradição. A *hipótese dos fragmentos* entende que diversas partes originalmente autônomas do Pentateuco tiveram histórias próprias de desenvolvimento textual e foram reunidas em uma composição tardia exílica ou pós-exílica. A *hipótese das fontes* (ou hipótese dos documentos) postula que o Pentateuco surgiu da reunião de documentos pré-existentes, que em geral se supõe serem em número de quatro (ZENGER, 2003, p. 79-81).

A hipótese das fontes foi, durante muito tempo, o principal paradigma acadêmico de compreensão do processo formativo do Pentateuco. Julius Wellhausen (1844-1918) elaborou sua mais clássica formulação, amplamente admitida em meio acadêmico. Esta vigorou durante cerca de um século e ficou conhecida como Hipótese Documentária ou Teoria das Fontes do Pentateuco (PURY, 1996, p. 30, 89).

Embora sua concepção seja a sistematização na qual culminaram as ideias de outros teólogos alemães, como por exemplo Heinrich Graf e Wilhem Vatke, fato é que o nome Wellhausen se tornou um sinônimo para a Hipótese Documentária (BLOOM; ROSENBERG, 1990, p. 34). Ele formulou a versão mais conhecida desta teoria (BRIGGS; LOHR, 2013, p. 29), sua definição mais clássica e sistematizada (GALVAGNO; GIUNTOLI, 2020, p. 137). “Reunindo diversas ideias que já haviam sido propostas anteriormente, Wellhausen elaborou uma formulação da hipótese documental que logo iria tornar-se uma espécie de ‘modelo canônico’ para a ciência crítica” (RÖMER, 2008, p. 27).

## II A TEORIA DAS FONTES DO PENTATEUCO

A Teoria das Fontes do Pentateuco, em sua forma clássica, compreende-o como um amálgama complexo que reúne em si, por meio de um trabalho redacional exílico e pós-exílico, quatro distintas fontes escritas de diferentes origens: a Javista (J), a Eloísta (E), a Deuteronomista (D) e a Sacerdotal (S). Estas seriam quatro camadas literárias, de diferentes autores, cada uma com seu vocabulário característico, compreensões históricas e geográficas diferentes, estilos literários e pressupostos teológicos próprios (RUBENS, 2020, p. 43).

A fonte Javista (J) seria a mais antiga, oriunda de círculos ligados à corte de Salomão, por volta de 960-930 a.C. Seria uma narrativa do começo de Israel, desde a criação do mundo até a entrada de Israel em Canaã, que reunindo tradições orais e escritas (cujas origens remontam a Moisés) teria fornecido uma espécie de “epopeia nacional” para a jovem monarquia. Este escritor tinha preferência por designar Deus como *Yahweh*. Escreveu em Judá e ressaltou o papel central de Judá entre as tribos (GOTTWALD, 1998, p. 140). A fonte J seria fruto de um período histórico considerado o “iluminismo salomônico” e teria sido escrito sob patrocínio da corte de Salomão (BLOOM; ROSENBERG, 1990, p. 30). Mostra Deus muito próximo do homem e utiliza diversos antropomorfismos em suas narrativas sobre Ele (RUBENS, 2020, p. 44). O autor de J além de empregar para Deus o nome *Yahweh*, denomina o monte da aliança de *Sinai* e chama o sogro de Moisés de *Reuel* (GOTTWALD, 1998, p. 24).

A segunda fonte, a Eloísta (E), abrangeria também a narrativa das origens de Israel, começando pelos patriarcas. Teria sido escrita por volta de 900-850 a.C. por um autor do reino do Norte, após a desagregação da monarquia unida. Denominava Deus como *Elohim*. Abordou a maioria dos temas tratados por J, com ênfase no primitivo Israel como uma comunidade obrigada religiosa e eticamente pela aliança com Deus. Percebia o fundamento ético desta aliança como uma base mais antiga e mais importante do que a dinastia política de Davi. Era menos impressionado de respeito pela autoridade governamental do que J. Apresentava critérios éticos definidores de Israel que transcendiam e criticavam os reinos políticos de Israel e Judá. Apresentava conexões com a linha de pensamento teológico que posteriormente reverenciaria os círculos proféticos de Elias e Eliseu. O autor de E teria esboçado conscientemente complementos teológicos éticos corretivos à fonte J (GOTTWALD, 1998, p. 140-141). O caráter teologicamente complementar de E em relação à J guarda semelhança com a complementariedade dos quatro evangelhos (SCHREINER, 2012, p. 153). Não usa tanto o antropomorfismo característico de J (RUBENS, 2020, p. 44). O autor de E além de empregar para Deus o nome *Elohim*, denomina o monte da aliança de *Horeb* e chama o sogro de Moisés de *Jetro* (GOTTWALD, 1998, p. 24-25).

Segundo Wellhausen, quando houve a queda de Samaria em 722 a.C. pela invasão assíria, os textos de E teriam sido levados para Judá, onde teria havido uma fusão com J, dando origem a um primeiro texto composto chamado de fonte Jeovavista. Esta fonte, cuja sigla seria JE, teria entrelaçado, em Judá, essas duas distintas tradições em um único texto (RUBENS, 2020, p. 44-45). A fonte composta JE apresenta no texto

bíblico hoje algumas seções que usam os termos *Yahweh-Sinai-Reuel-cananeus* e outras seções que apresentam os termos *Elohim-Horeb-Jetro-amorreus* (GOTTWALD, 1998, p. 25).

A fonte deuteronomista (D) teria se iniciado, assim como E, no reino do Norte. Também levada, em estágio embrionário, para o reino do Sul após a conquista de Samaria pelos assírios em 722 a.C. e posteriormente desenvolvida. Em 622 a.C., um século depois de sua chegada no reino do Sul, a tradição deuteronomista veio à tona como força conceitual e documentária na importante reforma religiosa promovida pelo rei Josias em Judá, que resgatou essa tradição no século VII a.C., conforme 2 Reis 22 (GOTTWALD, 1998, p.141).<sup>2</sup>

Diferentemente das tradições mais primitivas de Israel registradas por escrito nas fontes J e E, que expressavam a religiosidade de origem tribal dos patriarcas nômades (FOHRER, 2021, p. 42), nas quais as primeiras promessas existiam de forma aparentemente gratuita e incondicional, na fonte D as bênçãos são condicionadas à observância dos mandamentos (PURY, 1996, p. 313). A fonte D, teologicamente mais elaborada (e historicamente mais recente) dá bastante ênfase ao fato de que as bênçãos de Deus estavam diretamente condicionadas à obediência do povo de Israel à sua aliança com Deus (BRIGGS; LOHR, 2013, p. 256). A fonte D desenvolve sua ênfase ética na necessidade de obediência à aliança em um estilo altamente didático e exortativo (GOTTWALD, 1998, p. 142).

A fonte sacerdotal (P) teria sido a última grande contribuição literária à Torá, escrita por volta de 550-450 a.C., no final do exílio babilônico e/ou no início do período pós-exílico. Objetivava completar as antigas tradições destacando a constituição institucional, litúrgica e ritual de Israel como comunidade religiosa separada de todos os demais povos. O escritor (ou os escritores) de cunho sacerdotal acrescentou à epopeia nacional existente uma série de aspectos rituais bastante desenvolvidos, como por exemplo a rígida observância do sábado, a circuncisão, as questões alimentares e diversas instruções sobre o sacerdócio e os sacrifícios de animais. Aglutinou eventos históricos por meio de genealogias e compôs um relato ordenado da criação. De cunho essencialmente legalista, os elementos narrativos na fonte sacerdotal são mínimos. A fonte P seria o testemunho da emergência da tradição sacerdotal e seu fortalecimento no período pós-exílico (GOTTWALD, 1998, p. 142-143). Enfatiza a Arca, o Tabernáculo, o Templo, os rituais e principalmente o papel dos sacerdotes (RUBENS, 2020, p. 44). Das fontes do Pentateuco, o escrito sacerdotal é a tradição que se pode distinguir com maior clareza (SCHREINER, 2021, p. 294).

A Hipótese Documental, ou Teoria das Fontes do Pentateuco, que considera que a Torá é o produto final do complexo entrelaçamento das fontes J, E, D e P, retrata o mais clássico exemplo do que se pode chamar de análise diacrônica das Escrituras. Estas buscam compreender a história da formação compósita dos textos destacando seus diferentes momentos de elaboração literária. Outra diferente forma de aproximação dos textos das Escrituras Sagradas pode ser encontrada nas chamadas análises sincrônicas. Para uma análise sincrônica, o que importa é a forma atual do texto, conforme sua redação final.

O texto bíblico como o conhecemos é um conjunto de vários textos que foram reunidos em um só livro. As leituras desses textos sempre tiveram na história variadas formas de aproximações; dentre essas formas estão as leituras sincrônicas e diacrônicas, que ora privilegiam os rastros do texto na história (a

2 Apesar de Wellhausen considerar a datação da fonte deuteronomista no século VII a.C., atualmente considera-se que sua redação final ocorreu apenas no século V a.C. (RUBENS, 2020, p. 44). Os textos deuteronomistas iniciais (o chamado núcleo do livro de Deuterônimo) teriam posteriormente recebido outras camadas de acréscimos redacionais, igualmente de teor teológico deuteronomista, especialmente em forma de molduras literárias. No tempo de Josias teria existido apenas uma edição inicial (o núcleo) do livro de Deuterônimo (RÖMER, 2008, p. 56). Durante o exílio babilônico os escritores deuteronomistas teriam efetuado uma segunda e final revisão, uma ampliação de suas tradições (GOTTWALD, 1998, p. 142).

diacrônica), ora privilegiam a construção do texto como o temos na atualidade (a sincrônica) (VITO, 2014, p. 67).

Recentes estudos críticos diacrônicos do Pentateuco têm revisto muitos dos conceitos propostos pela Teoria das Fontes em sua versão clássica formulada por Wellhausen.

## 12 A CRISE DA TEORIA DAS FONTES

A Teoria das Fontes chegou a alcançar um grande consenso por longo tempo, porém, justamente pela vontade de querer aperfeiçoá-la cada vez mais, multiplicou-se o número de fontes e redações (GALVANO; GIUNTOLI, 2020, p. 139). Diversos estudiosos posteriores a Wellhausen que visavam desenvolver o modelo das fontes começaram a conjecturar a existência de diversas subdivisões nas quatro fontes originais da teoria. Assim, chegou-se a conjecturar, por exemplo, três camadas redacionais Javistas: J1, J2 e J3 (PURY, 1996, p. 35); duas fontes Eloístas: E1 e E2; sete diferentes camadas sacerdotais: P1 a P7 (GALVANO; GIUNTOLI, 2020, p. 140); e três distintas camadas redacionais deuteronomistas: D1, D2 e D3 (RÖMER, 2008, p. 77,125,172-173).

Surgiam hipóteses complicadíssimas e muitas vezes contraditórias devido à crescente multiplicidade das camadas redacionais supostamente identificadas (PURY, 1996, p. 188). A crítica diacrônica chegou até mesmo a ser considerada inútil por muitos, devido à multiplicidade de opiniões inconcludentes sobre os mesmos temas (SIMIAN-YOFRE, 2015, p. 166). Foi surgindo um emaranhado de opiniões incompatíveis (GUSSO, 2011, p. 7). “A obstinação na subdivisão e na delimitação das fontes ameaçava tornar-se um jogo estéril” (PURY, 1996, p. 36). A fragmentação excessiva das Escrituras se revelou incapaz de nos fazer atingir as verdades de fé (SIMIAN-YOFRE, 2015, p. 80). “Muitos têm desviado seus esforços para as questões críticas e deixado de lado o mais importante, suas lições eternas” (GUSSO, 2011, p. 8). A exegese crítica tornou-se um fim em si mesma (BRUEGGEMANN, 2014, p. 160). Constatou-se que a decomposição dos textos em partes destruía a estrutura desses textos e a intenção de suas declarações (PURY, 1996, p. 91).

A partir da década de 70 do século XX, surgiu um mal-estar crescente sobre a concepção clássica das Fontes do Pentateuco (PURY, 1996, p. 60, 89). Novos estudos puseram em séria crise o modelo de Wellhausen (GALVANO; GIUNTOLI, 2020, p. 150). Nestes novos estudos, apenas as fontes sacerdotal e deuteronomica sobrevivem na opinião de seus pesquisadores realmente como tradições autônomas plenamente identificáveis (CARNEIRO; OTTERMAN; FIGUEIREDO, 2016, p. 36).

## 13 AS NOVAS TENDÊNCIAS DA EXEGESE DIACRÔNICA DO PENTATEUCO

A partir dos anos 70 do último século o paradigma wellhauseano foi, cada vez mais, sendo submetido a críticas (FINKELSTEIN; RÖMER, 2022, p. 49), o que estabeleceu uma séria crise sobre a Hipótese Documentária (ARTUSO, 2012, p. 280). Vários alicerces da Teoria das Fontes começaram a ser questionados, como por exemplo a datação antiga do escritor Javista na corte salomônica (PURY, 1996, p. 89). Hoje estima-se que é grande a probabilidade de que a elaboração de J tenha ocorrido nos períodos tardios exílico ou pós-exílico, devido à constatação da ausência de menções aos extratos javistas do Pentateuco pelos profetas pré-exílicos (PURY, 1996, p. 64). Também é uma tendência contemporânea não mais compreender J como fruto de um autor único, e sim como um amálgama de relatos diversos independentes entre si (GALVANO; GIUNTOLI, 2020, p. 151, 154, 159). Sob sua forma rígida, a Teoria das Fontes não pode mais ser aceita (ARTUSO, 2012, p. 280-281).

Hoje contesta-se a existência de um documento E (PURY, 1996, p. 120). A fonte E, que sempre esteve à sombra de J no modelo de Wellhausen, tende a desaparecer totalmente como individualizada e delimitável

nas novas tendências da exegese crítica diacrônica (GALVANO; GIUNTOLI, 2020, p. 160-161). Percebeu-se a impossibilidade de reconstruir uma fonte eloísta com coerência teológica interna própria e hoje pode-se falar apenas em “fragmentos eloístas” (PURY, 1996, p. 90). Os textos atribuídos a E são muito diferentes entre si para que se possa atribuí-los a um mesmo autor (PURY, 1996, p. 60). “As passagens de tipo E jamais formaram um documento coerente” (PURY, 1996, p. 164).

A tendência atual da exegese diacrônica é perceber que as partes do Pentateuco originalmente atribuídas às fontes J e E do modelo clássico podem ser mais bem explicadas pela hipótese dos fragmentos do que pela hipótese documental, ou das fontes. Isto porque quanto mais se aprofundam os estudos nesse sentido, cada vez mais se constata ausência de unidade interna e coerência teológica em tais extratos textuais.

Não é possível falar de uma ideia central no que se refere à fonte Javista e à fonte Eloísta da teoria documentária clássica. São ao máximo coletâneas de textos narrativos e legislativos que possuem alguma característica em comum, por exemplo, o uso do nome divino YHWH e Elohim, ou qualquer outro vocabulário aqui e acolá. Todavia, não é possível encontrar um filão nítido nos textos atribuídos a uma e outra fonte. Temos somente fragmentos, em particular em relação ao Eloísta (CARNEIRO; OTTERMAN; FIGUEIREDO, 2016, p. 29-30).

Por outro lado, as novas tendências da pesquisa tendem a confirmar cada vez mais a existência de duas tradições bem definidas: a deuteronômica (D) e a sacerdotal (P). Atualmente se prefere a expressão “tradições” ao invés de “fontes”. Fontes no sentido clássico indicariam documentos escritos por um único autor. Assim, as tradições deuteronomista e sacerdotal do modelo clássico permanecem sendo reconhecidas como perfeitamente identificáveis nas novas tendências dos estudos diacrônicos mais recentes. Quanto a P, admite-se amplamente a existência de “uma camada textual ‘sacerdotal’ claramente reconhecível no plano linguístico e teológico” (PURY, 1996, p. 91). Em relação a D, pode-se dizer que também possui um estilo de fácil reconhecimento e que corresponde de modo satisfatório a dois critérios: um conceito fundamental e um estilo homogêneo (CARNEIRO; OTTERMAN; FIGUEIREDO, 2016, p. 29, 31). A tradição deuteronomista é uma camada redacional relativamente bem delimitada (PURY, 1996, p. 175).

A pesquisa moderna tende a indicar que “a Torá teve seu momento redacional ou compositório decisivo no período do pós-exílio” (REIMER, 2017, p. 68). Em outras palavras: “o Pentateuco foi reunido no período persa” (BRIGGS; LOHR, 2013, p. 28). Isto porque a forma final pós-exílica da Torá emergiu justamente como uma resposta coerente à crise teológica que se iniciou sob as circunstâncias históricas do exílio (BRUEGGMANN, 2014, p. 121). “Por volta dos séculos V-IV surge a redação definitiva do conjunto de livros conhecida como Pentateuco” (SCHLAEPFER; OROFINO; MAZZAROLO, 2019, p. 90).

A definição cronológica da redação final do Pentateuco no período pós exílico é praticamente uma unanimidade hoje entre os estudiosos. “O processo de composição do Pentateuco é uma obra pós-exílica, quando o Deuteronômio (D) e o Escrito Sacerdotal (P) foram unidos em uma só obra” (CARNEIRO; OTTERMAN; FIGUEIREDO, 2016, p. 22). A forma final do Pentateuco foi o resultado de um compromisso entre as escolas sacerdotal e deuteronomista (RÖMER, 2008, p. 178).

## 2. A ANÁLISE ESTILÍSTICA: UMA ANÁLISE SINCRÔNICA

No último quarto do século passado, paralelamente à chamada crise da Teoria das Fontes do Pentateuco, o interesse da exegese deslocou-se para o estudo da forma final do texto (GALVANO; GIUNTOLI, 2020, p. 151),

ou seja, para as análises sincrônicas. Quanto às tendências atuais de investigação, pode-se afirmar que “estão em alta especialmente os métodos sincrônicos de análise, baseados nas ciências da linguagem” (ARTUSO, 2012, p. 281). São exemplos de análises sincrônicas: a leitura canônica das Escrituras, o estruturalismo, a semiótica e a narratologia (SKA, 2003, p. 174). “Os exegetas se aplicam hoje de todas as maneiras a estudar a forma final para obter uma compreensão global do conjunto” (PURY, 1996, p. 273).

Diante de tantas discordâncias entre os estudiosos da exegese crítica diacrônica, muitos pesquisadores hoje estão se voltando com mais intensidade às análises sincrônicas do texto final do Pentateuco, algo que foi negligenciado por muito tempo (ZENGER, 2003, p. 91). Os estudos diacrônicos por muito tempo se desviaram da atenção que merece ser dada ao desenho do conjunto do texto (ALTER; KERMODE, 1997, p. 38). No último quarto do século XX, o foco no processo de composição foi dando lugar ao interesse pelas formas e estilos dos escritores bíblicos, por meio de métodos literários de análise (COMFORT, 2024, p. 135, 141-142). Uma determinada modalidade de análise sincrônica é a análise estilística.

Uma pedra angular da moderna teoria literária é a compreensão de que “o estilo da Bíblia é inseparável da mensagem que expressa” (COMFORT, 2024, p. 139). A Análise Estilística investiga a maneira pela qual o autor procurou dar maior expressividade a seu texto, estudando as chamadas figuras (KUNZ, 2008, p. 211-212). O estilo de um texto diz respeito à sua forma de apresentação e às suas características estruturais (WEGNER, 1998, p. 167-168).

O talento artístico que encontramos em muitos trechos da Bíblia torna-a uma obra-prima da literatura [...] Uma das coisas que uma abordagem literária da Bíblia oferece acima das abordagens convencionais é a abertura de um caminho para os leitores se deleitarem com a beleza estética nela contida [...] A excelência do talento artístico na Bíblia não é extrínseca a seu efeito global. É uma das glórias da Bíblia” (COMFORT, 2024, p. 150-151).

Embora o Antigo Testamento nos mostre uma linguagem literária de alta qualidade (SCHREINER, 2012, p. 26), é notável a falta de interesse no caráter artístico do texto bíblico que houve no trabalho de Wellhausen (BRUEGGMANN, 2014, p. 93). A análise estilística, por sua vez, destaca a consciência estilística de seus autores (SCHREINER, 2012, p. 26). Estudar o estilo de um autor é estudar a maneira com que ele emprega figuras de linguagem, que também podem ser chamadas de figuras de estilo ou figuras literárias (SILVA, 2022, p. 221). “Os escritores da Bíblia eram artistas literários conscientes [...] A sofisticação literária dos escritores bíblicos está evidenciada na excelência com que exploram os recursos da arte literária” (COMFORT, 2024, p. 137). Os textos bíblicos revelam um intensivo trabalho artesanal literário em seus detalhes de harmonia, ritmo e paralelismo (SCHREINER, 2012, p. 23). Algumas das principais figuras de estilo são os paralelismos (na forma *a-b-a'-b'*), quiasmos (*a-b-b'-a'*) e estruturas concêntricas (*a-b-c-d-c'-b'-a'*).

Uma importante figura de estilo, ou forma literária, que a análise estilística é capaz de identificar nos textos bíblicos, pode ser chamada de ‘estrutura concêntrica’ (WEGNER, 1998, p. 92). Esta também pode ser designada de ‘forma concêntrica’ (VITÓRIO, 2017, p. 11), ‘quiasmo espelhado’ (ZENGER, 2003, p. 49) ou ‘quiasmo ampliado’ (KLEIN, 2017, p. 486). As estruturas concêntricas caracterizam-se por apresentarem vários elementos (em pares) equidistantes de um centro comum (WEGNER, 1998, p. 92). Estruturas concêntricas podem conter números variados de elementos componentes. Por exemplo: podem ter cinco elementos (*a-b-c-b'-a'*), sete elementos (*a-b-c-d-c'-b'-a'*), nove elementos (*a-b-c-d-e-d'-c'-b'-a'*), etc.

A figura de estilo chamada de estrutura concêntrica possui três características. A primeira é a existência de paralelos temáticos entre suas partes *a-a'*, *b-b'*, *c-c'*, etc, dependendo do tamanho da estrutura e número de elementos. A segunda é o destaque (relevância teológica) de seu elemento central, nuclear, sem

par, emoldurado pelos diversos pares de elementos. A terceira é que seus elementos componentes podem ser do tamanho de pequenas partes de versos (em poesia) até grandes blocos textuais (em prosa), dependendo do tamanho da estrutura (KLEIN, 2017, p. 486-487).

As estruturas concêntricas eram uma técnica literária comum no antigo Oriente Médio. Trata-se de um movimento literário de aproximação e distanciamento de um elemento central. O clímax de tais estruturas é sempre encontrado no centro estrutural do texto, a seção que não tem paralelo nenhum. O clímax, dobradiça estrutural ou vértice, une as duas metades do texto, dando-lhe centralidade. (KLEIN, 2017, p. 486). “Em um texto literário, é impossível separar o que é dito (conteúdo) do como é dito (forma)” (COMFORT, 2024, p. 152). O entendimento da estrutura é um elemento importante da interpretação bíblica, pois ajuda a identificar a ideia principal do texto (KLEIN, 2017, p. 487).

Há muitos séculos que os estudos literários sobre as Escrituras revelaram a presença das estruturas concêntricas na poesia hebraica. No século XX percebeu-se que tal figura de estilo pode estruturar também grandes textos em prosa e até livros inteiros da Bíblia (KLEIN, 2017, p. 486). A estrutura concêntrica percebida por Zenger (2003, p. 48-50), que será aqui analisada, é inovadora por ser ainda mais abrangente: compreende a totalidade dos cinco primeiros livros das Sagradas Escrituras.

## 2.1 A FIGURA DE ESTILO EXISTENTE NA TOTALIDADE DO PENTATEUCO

Considerando que os textos bíblicos literariamente compósitos “receberam” estruturas por ocasião de sua compilação final (REIMER, 2017, p. 70), será abordada agora a figura de estilo (do tipo estrutura concêntrica) existente no conjunto do Pentateuco. Neste sentido, a linha de raciocínio de Zenger (2003, p. 48) começa com a percepção de que, no nível narrativo, o Pentateuco pode ser compreendido como o caminho de Israel para a terra prometida. Isto pode ser visualizado por meio do quadro abaixo, onde o citado autor inicia o processo de identificação dos aspectos de concentricidade existentes na totalidade do Pentateuco:

Gênesis	Êxodo	Levítico	Números	Deuteronômio
Criação e promessa da terra	Do Egito pelo deserto até o SINAI	No SINAI	Do SINAI pelo deserto até Moab (divisa da terra prometida)	Instruções para a vida na terra da promessa.

Fonte: ZENGER, 2003, p. 48

São várias as dimensões de concentricidade que podem ser percebidas no Pentateuco. O primeiro aspecto concêntrico observado é geográfico. A partir de certo momento do livro de Êxodo, o povo chega ao Sinai. Levítico é todo passado neste monte. Em certo ponto de Números, o povo levanta acampamento e parte. A chamada *perícope do Sinai*, que vai de Êxodo 19 a Números 10.10, estendendo-se por três livros, é a seção central do Pentateuco (SKA, 2003, p. 32, 154). A lei dada no Sinai é o centro gravitacional de todo o Pentateuco (BÍBLIA DE ESTUDOS NAA, 2017, p. 11). Levítico, o livro central, é formado essencialmente de material legislativo, e “a Lei é o centro do Pentateuco” (PURY, 1996, p. 50).

Outro aspecto concêntrico é literário: refere-se à extensão dos livros. O tamanho dos três livros pelos quais perpassa a *perícope do Sinai* apresenta uma simetria concêntrica piramidal quase perfeita. Levítico é o

livro mais curto de todos (BORTOLINI, 2018, p. 45), com 11.950 palavras, enquanto Êxodo e Números são quase de igual tamanho: 16.713 e 16.413 palavras, respectivamente (SKA, 2003, p. 31).

Um outro importante aspecto concêntrico notado no conjunto dos cinco livros é de natureza temática. Conteúdos teologicamente afins estão dispostos equidistantes do centro, em pares, formando molduras literariamente concêntricas. A presença de tais pares que emolduram simetricamente o texto central é uma característica essencial da existência de uma estrutura concêntrica. É a partir da detecção de tais pares emoldurantes que a análise estilística pode afirmar a existência de uma figura de estilo do tipo estrutura concêntrica na totalidade do Pentateuco. Além do quadro da concetricidade geográfica já apresentado acima, Zenger (2003, p. 48-50) expõe visualmente tais pares de molduras teológicas e literárias em quatro outros quadros que, juntamente com o primeiro já apresentado, foram reunidos sinteticamente em um único quadro por Moraes (2018, p. 140), no qual diversas concetricidades tornam-se claramente visualizáveis:

Gênesis	Êxodo	Levítico	Números	Deuteronômio
Criação e promessa da terra	Do Egito pelo deserto ao SINAI	No SINAI	Do SINAI pelo deserto até Moab	Instruções para a vida na terra da promessa.
<p>Incumbência de ir para a terra</p> <p>Final caps. 49-50:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Bênção de Jacó sobre 12 filhos</li> <li>• Morte de Jacó</li> <li>• Enterro de Jacó na terra da promessa</li> </ul>	<p>Capítulos:</p> <p>12 Páscoa</p> <p>16 Maná + codornizes</p> <p>17 Água da rocha</p> <p>18 Instalação de líderes</p> <p>32 Idolatria (“Baal”)</p> <p>Ameaças:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• de fora: Egito + Amalequitas</li> <li>• de dentro: “resmungar” + idolatria</li> </ul> <p>Seis notícias de caminhada (“eles partiram de... e acamparam em...”)</p>	<p>Sacrifícios (1-7)</p> <p>Sacerdotes (8-10)</p> <p>Cotidiano (11-15)</p> <p><u>RECONCILIAÇÃO</u> (16-17)</p> <p>Cotidiano (18-20)</p> <p>Sacerdotes (21-22)</p> <p>Sacrifícios + Festas (23-26.27)</p>	<p>Capítulos:</p> <p>9 Páscoa</p> <p>11 Maná + codornizes</p> <p>20 Água da rocha</p> <p>11 Instalação de líderes</p> <p>25 Idolatria (“Baal”)</p> <p>Ameaças:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• de fora: Moab + Madianitas</li> <li>• de dentro: “resmungar” + idolatria</li> </ul> <p>Seis notícias de caminhada (“eles partiram de... e acamparam em...”)</p>	<p>Incumbência de ir para a terra</p> <p>Final caps. 33-34:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Bênção de Moisés sobre 12 tribos</li> <li>• Morte de Moisés</li> <li>• Enterro de Moisés por Javé (“no céu”)</li> </ul>

Fonte: ZENGER, 2003, p. 48-50, citado por MORAES, 2018, p. 140

São diversas as molduras de pares temáticos equidistantes que podem ser visualizadas no quadro-síntese de Moraes (2018, p. 140). Este reuniu num só quadro todas as percepções estruturais de Zenger (2003, p. 48-50). Entre os diversos pares temáticos notados no quadro-síntese, podemos destacar o paralelo existente entre o final de Gênesis e o final de Deuteronômio:

Estruturalmente, o final do Dt corresponde ao final de Gn. A morte de José encerra o período dos patriarcas, e a morte de Moisés fecha outro período,

ou seja, o tempo da estada de Israel no deserto e da constituição do povo de Israel como povo de YHWH. Às bênçãos de Jacó, em Gn 49, correspondem as bênçãos de Moisés, em Dt 33 (SKA, 2003, p. 34).

Levítico é o centro teológico. Êxodo e Números compõem a moldura interna, estruturados paralelamente por meio de numerosas histórias semelhantes. A moldura mais externa é formada por Gênesis e Deuteronômio (ZENGER 2003, p. 49). Gênesis funciona como uma introdução e Deuteronômio como uma conclusão do conjunto. Em Gênesis há um prólogo às Escrituras (BRIGGS; LOHR, 2013, p. 69). Gênesis narra desde a criação até o surgimento do povo escolhido, como uma necessária introdução para depois chegar à história do recebimento da Lei por tal povo. No centro do Pentateuco está a Lei (PURY, 1996, p. 50). O último livro mostra como deve ser a conduta desse povo após o advento da Lei. O primeiro livro prepara a história do futuro recebimento da Lei. O último, aponta para o futuro do povo, já com a Lei.

Costuma-se compreender Deuteronômio como repetição da Lei, como o próprio nome grego do livro destaca. Porém, neste último livro, a abordagem mosaica difere do que seria uma simples repetição. Se antes a Lei foi apresentada, Deuteronômio vai além de uma mera apresentação. Deuteronômio é um livro de tipo distinto (GERSTENBERGER, 2014, p. 422). Em Deuteronômio existem reflexões teológicas sobre a lei (CRÜSEMANN, 2018, p. 286). “A Lei não é mais proclamada, como nos outros livros, mas comentada pelo maior e mais autorizado de seus intérpretes – por Moisés – ou seja por aquele graças ao qual foi também transmitida” (GALVANO, GIUNTOLI, 2020, p. 23). Em Deuteronômio, Moisés interpreta a Lei para o povo (OTTO, 2011, p. 85), preparando-o para a conquista da terra sob Josué, em uma evidente preocupação com o futuro (BRIGGS; LOHR, 2013, p. 240). Em Deuteronômio há bem mais do que mera repetição da Lei. Trata-se de sua primeira interpretação. Dirigindo-se à nova geração, Moisés ensina ao povo como deveriam aplicar a Lei em sua conduta futura, encerrando assim o conjunto do Pentateuco.

## 2.2 O CENTRO TEOLÓGICO E LITERÁRIO DO PENTATEUCO

A busca pelo centro do Pentateuco é antiga. Cálculos numerológicos diversos fazem parte da tradição judaica de interpretação, segundo o Talmud, e têm importante papel na exegese judaica da Torá (LEWINSKY, 2021, p. XV). A partir da contagem total das 304.805 letras da Torá, sábios massoretas da Idade Média localizaram matematicamente seu centro em Levítico 11.42. Uma glosa massorética sinaliza, ao lado de tal versículo, que ali se encontra a metade das letras da Torá (BÍBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA, 1990, p. 175). Apesar do notável empenho matemático, tal sugestão de centralidade não atende ao quesito que precisa ser considerado como o mais relevante, que é a centralidade teológica. Esta pode ser melhor encontrada pela análise estilística. Neste sentido, merece especial destaque, dentro do quadro maior reunido por Moraes (2018, p. 140), a estrutura concêntrica notada por Zenger (2003, p. 50) no interior dos capítulos de Levítico:

LEVÍTICO						
1-7 sacrifícios	8-10 sacerdotes	11-15 cotidiano	16-17 RECONCILIAÇÃO	18-20 cotidiano	21-22 sacerdotes	23-26.27 sacrifícios + festas

Fonte: ZENGER, 2003, p. 50

Levítico é o coração do Pentateuco (SCHLAEPFER; OROFINO; MAZZAROLO, 2019, p. 90-91). Interiormente ao livro central do Pentateuco, pode-se perceber que o ritual do Dia da Reconciliação (Expição), como dia de purificação, é o centro do livro de Levítico e, com isso, dos cinco livros iniciais da Bíblia (OTTO, 2011, p. 67). No meio do livro de Levítico (construído concentricamente) encontra-se a mensagem de YHWH como um Deus disposto à reconciliação (ZENGER, 2003, p. 50), bem como a valorização da função sacerdotal como mediadora necessária de tal reconciliação.

Assim como Levítico está no centro da Torá, o rito do Dia da Expição (Lv 16) está no centro teológico e literário de Levítico. Até hoje tal dia é o mais importante do ano no calendário judaico (BRIGGS; LOHR, 2013, p. 181-182). Tal centralidade faz todo o sentido, cristologicamente, ao se considerar que a Primeira Aliança era “sombra” da Nova Aliança (MARTINS; LUZ, 2023, p. 29-30). Naquele dia, os pecados do povo eram retirados e levados embora. A comparação entre Lv 16 e a redenção efetuada por Jesus na cruz é rica em paralelos. “A morte de Jesus na cruz claramente passa a ser vista como um dia de expiação, muito semelhante àquele encontrado em Levítico 16” (BRIGGS; LOHR, 2013, p. 182). Jesus é quem tira o pecado do mundo (Jo 1.29). É possível perceber diferenças, porém também expressivas semelhanças entre Levítico 16 e a morte redentora de Cristo na cruz do Calvário, principalmente em seus fins, obviamente mais que em seus meios.

Em Levítico 16, centro teológico do Pentateuco pela análise estilística que pode ser extraída das percepções de Zenger (2003, p. 50), os pecados do povo são colocados sobre um animal. Este os carrega sobre si, levando embora consigo as transgressões dos homens no centro do Pentateuco. Na cruz do calvário, evento central da Nova Aliança, é Jesus que carrega sobre si nossas iniquidades. Lutero destacou bem a centralidade da cruz para a fé cristã: “A centralidade da teologia da cruz em Lutero é conhecida [...] Para Lutero, a cruz resume não apenas a teologia como toda a vida cristã” (PINHO, 2012, p. 23). O objetivo do ritual de Levítico 16 (que precisava ser repetido anualmente) foi cumprido definitivamente em Cristo Jesus.

O conteúdo de Levítico 16, centro do Pentateuco, sistematiza em forma de ritual o cerne da teologia judaico-cristã: a promoção da reconciliação dos homens com Deus (ZENGER, 2003, p. 137). Enquanto Levítico 16 é o centro literário da Torá, a cruz é seu correspondente teológico neotestamentário: o centro da fé cristã. A reconciliação dos homens com Deus proporcionada pelo fato de Jesus levar sobre si nossos pecados na cruz é um evento redentor único, particular e sem paralelos no Novo Testamento. Igualmente, a reconciliação com Deus em Levítico 16 (expição temporária, segundo Hebreus), proporcionada pelo rito do animal expiatório que leva sobre si os pecados do povo, é um rito redentor singular e sem paralelos rituais na Torá e em todo o Antigo Testamento.

## 2.3 A RELAÇÃO ENTRE O CARÁTER SACERDOTAL DO CENTRO DO PENTATEUCO E SUA COMPOSIÇÃO FINAL

Considerando o caráter compósito do Pentateuco e a identificação de seu centro no livro de Levítico como um escrito que reflete a tradição sacerdotal, a análise estilística é capaz de lançar luzes à seguinte questão: quem foi o responsável (ou quem foram os responsáveis) pela reunião dos materiais mais antigos de origem mosaica que, juntos, compõem o Pentateuco como nós o conhecemos?

O livro de Levítico é voltado, em primeiro lugar, para os sacerdotes do antigo Israel (GUSSO, 2011, p. 59), pois explica todo o sistema sacrificial administrado pelos sacerdotes no antigo Israel (SKA, 2018, p. 117). O nome “Levítico” dado ao livro pela Septuaginta e pela Vulgata Latina não corresponde bem ao seu conteúdo, pois trata essencialmente das funções sacerdotais desempenhadas pelo núcleo seletivo dos descendentes de Arão, um grupo muito específico dentro da tribo de Levi. Nas tradições judaicas da *Mishnah* e da *Pesh* é chamado de “o livro dos sacerdotes”, título que indica com mais precisão seu conteúdo. Segundo a Teoria das Fontes

em sua formulação clássica, o livro de Levítico é inteiramente obra de P, a fonte sacerdotal, a mais recente fonte do Pentateuco. (CHAMPLIN, 2018, p. 567). As novas tendências da exegese diacrônica sustentam essa compreensão. Além da integralidade de Levítico, também quanto aos livros de Êxodo e Números, seu centro de gravidade é constituído por P (PURY, 1996, p. 175).

Somente no Deuteronômio e no Documento Sacerdotal (P) podem ser percebidas obras literárias unificadas e homogêneas, estilos próprios reconhecíveis e ideias-base que conferem unidade e coesão. Nas demais partes há apenas coletâneas de fragmentos (CARNEIRO; OTTERMANN; FIGUEIREDO, 2016, p. 32). As novas tendências da exegese crítica diacrônica consideram que a redação final do Pentateuco foi o momento da reunião, no pós-exílio, dos dois grandes blocos textuais: as tradições sacerdotal e deuteronomista. Provavelmente, a primeira reflete ênfases teológicas desenvolvidas no exílio, e a segunda, tradições que expressam a teologia do povo que ficou na terra (RÖMER, 2008, p. 178-179). As teologias sacerdotal (P) e deuteronomista (D) são as duas principais correntes religiosas que interpretaram a história israelita no exílio da Babilônia (ARTUSO; CATENASSI; ROSSI, 2024, p. 3). Duas tradições complementares (GERSTEINBERGER, 2014, p. 391), com ênfases teológicas próprias a respeito das antigas tradições mosaicas.

O acento principal de todo o escrito sacerdotal tende para a instituição do culto (PURY, 1996, p. 315). O centro do Pentateuco converge claramente para uma expressão de tradição sacerdotal: são ritos de purificação e expiação realizados por sacerdotes. Os elementos centrais em destaque nas estruturas concêntricas são seu clímax teológico emoldurados pelos demais elementos. Neste antigo modo de escrita, o centro estrutural contém o elemento de maior destaque: o conteúdo teologicamente mais importante (KLEIN, 2017, p. 486). Onde há figuras de estilo de natureza concêntrica, o núcleo é tão valorizado que chega a receber diversas molduras literárias. Assim como a passagem pelo mar é o momento do nascimento de Israel como povo livre, a teologia da tradição sacerdotal (P) é o núcleo da identidade de Israel (GALVANO; GIUNTOLI, 2020, p. 291).

Em um quadro onde há uma pintura à óleo sobre tela em uma bela moldura de madeira, a tela é mais importante que a moldura. As molduras valorizam as telas que abrigam em destaque no seu interior. Escritores ligados à tradição deuteronomista não colocariam os escritos que refletem sua teologia na moldura externa, nem colocariam no centro de destaque elementos de natureza sacerdotal, como nós podemos encontrar hoje no Pentateuco em sua forma final. Por outro lado, pode-se esperar que sacerdotes ou escritores ligados à tradição sacerdotal fariam tal composição, colocando seu material textual e suas ênfases teológicas no centro da macroestrutura concêntrica do Pentateuco, naquela que é a posição de destaque dentro da lógica desta estrutura literária, privilegiando assim seus enfoques teológicos. “A fonte sacerdotal representava o grupo provavelmente mais organizado e de maior influência no exílio e no pós-exílio” (ARTUSO; CATENASSI; ROSSI, 2024, p. 7). Importante salientar que não se trata de criação e sim de composição de tradições de origem mosaica. A fonte P sistematizou antigas tradições cúlticas da fé de Israel, elaborando uma estruturação de materiais mais antigos (GALVANO; GIUNTOLI, 2020, p. 290-291).

As mais recentes pesquisas tendem a datações tardias dos textos bíblicos. Sotelo (2010, p. 2012) chega a afirmar que o Pentateuco teve sua composição final concluída entre 539 e 333 a.C. “O cânon do Antigo Testamento foi concluído provavelmente em torno de 400 a.C.” (GEISLER; NIX, 2021, p. 296). O escrito sacerdotal (P) surgiu por volta de 550-450 a.C., no final do exílio ou início do pós-exílio (GOTTWALD, 1998, p. 142), mas não foi inventado neste período, foi concebido com base em antigas e sagradas tradições (SCHREINER, 2012, p. 295). Na Torá, a perspectiva sacerdotal tornou-se dominante (REIMER, 2017, p. 86). “Escritores sacerdotais modelaram a forma final do Pentateuco” (ALTER; KERMODE, 1997, p. 80). Acredita-se hoje que provavelmente a composição final do Pentateuco tenha sido uma obra efetuada por mãos sacerdotais, no mesmo período e talvez no mesmo ambiente em que ocorreu a composição dos escritos sacerdotais: o final do exílio ou início do pós-exílio babilônico.

## 2.4 O POSSÍVEL PAPEL DE ESDRAS: ESCRIBA E SACERDOTE PÓS EXÍLICO

Considerando que a classe sacerdotal fixou a forma pós-exílica da religião mosaica (FREUD, 1990, p. 37)<sup>3</sup> e que “sacerdotes e escritores sacerdotais provavelmente são responsáveis pela forma final e retórica geral da própria Torá” (BRIGGS; LOHR, 2013, p. 145), torna-se pertinente investigar o possível papel de Esdras neste processo. Esdras foi um importante escriba e sacerdote pós-exílico (Ne 8.9). Era descendente do primeiro sacerdote de Israel e exímio estudioso da lei divina (CAVALHEIRO, 2017, p.198-199). Considerado pela tradição rabínica “um segundo Moisés” (GUSSO, 2006, p. 160), percebido como “um divisor de águas na tradição judaica” (SCARDELAI, 2012, p. 163), Esdras já foi até compreendido como “o criador do judaísmo” (SCHREINER, 2012, p. 316). Sua participação no processo de reestruturação pós-exílica “forneceu aos sábios rabis a base hermenêutica fundante para o desdobramento da atividade exegético-literária no fim do Segundo Templo” (SCARDELAI, 2012, p. 165). A leitura pública da Torá por Esdras (Ne 8) pode ser entendida como o “ato de nascimento do judaísmo pós-exílico e do culto sinagoga” (SKA, 2015, p. 145). Esdras teve importante papel no estabelecimento de uma nova versão judaica da fé israelita na Jerusalém reconstruída (JOHNSON, 1995, p. 97). Esdras inaugurou a prática das sinagogas (e futuramente da Igreja) de ler e explicar as Escrituras para o povo (Ed 7.10; Ne 8.1-12). É, portanto, enorme a contribuição deste sacerdote escriba pós-exílico para o universo judaico-cristão. Tanto que o filósofo judeu Baruch Spinoza (1632-1677) acreditava que Esdras era responsável, também, pela forma final do Pentateuco (SKA, 2016, p. 186).

Um redator de gênio inquestionável, que alguns pensam ser Esdras, o escriba, ou, pelo menos, um membro da suposta Academia de Esdras, trabalhando logo depois de 458 A.E.C., produziu a Torah provavelmente da forma como hoje a conhecemos (BLOOM; ROSENBERG, 1990, p. 36).

Esdras teria sido o responsável por reunir, pela primeira vez, todos os materiais que compõem a Torá em um único rolo, como pode ser encontrada até hoje em todas as sinagogas do mundo:

A tradição e algumas interpretações científicas atestam que Esdras, o escriba, depois do exílio babilônico (século VI a.C.) resumiu em um só rolo (como os conhecemos hoje) todas as cópias existentes do Pentateuco, que eram escritas em rolos separados. Esdras corrigiu a forma do texto [...] ele colocou lado a lado as diferentes interpretações, sem indicar a certa ou a errada (KATZENSTEIN, 1981, p. 102).

Se foi realmente o escriba sacerdote Esdras quem reuniu os materiais do Pentateuco em um rolo único pela primeira vez, é possível que ele tenha também ordenado e organizado tais materiais diligentemente como Judas (Jd 3) e de forma consciente como Lucas (Lc 1.1-4). Se assim ocorreu, Esdras colocou as tradições sacerdotais (de sua classe) no centro estrutural do conjunto, posição de maior destaque segundo o padrão literário concêntrico, estrutura usual no antigo oriente próximo. É grande a possibilidade de que este personagem bíblico de grande expressão no período pós-exílico, hábil escriba de linhagem sacerdotal (Ed 7.1-6), tenha tido importante papel (individual ou dentro de um colegiado) na composição final do Pentateuco.

3 O uso desta afirmação pontual de Sigmund Freud sobre o judaísmo não implica na aceitação de suas teses gerais sobre Moisés e o monoteísmo pelo autor do presente artigo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É modernamente inegável o caráter compósito do Pentateuco. Moisés é a base de todo o conjunto, mas não pode, pessoalmente, ter escrito todas as suas partes. Houve um trabalho de edição e organização posterior. Segundo as novas tendências das pesquisas diacrônicas, acredita-se que o processo de composição do Pentateuco é uma obra pós-exílica, quando o Deuteronomio (D) e o Escrito Sacerdotal (P) foram unidos em uma só obra. Cada vez mais, consolida-se sua compreensão como as duas principais correntes teológicas do Pentateuco. Estas duas tradições “sobreviveram” à crise da Teoria das Fontes. Esta, em sua forma clássica teve parte boa parte de seus pressupostos refutados, porém a existência dessas duas tradições é cada vez mais confirmada pelas novas tendências da crítica diacrônica.

A análise estilística, um método sincrônico, revela a existência de uma estrutura concêntrica no conjunto total do Pentateuco. Nesta, percebe-se que seu centro literário e teológico é formado por materiais textuais considerados de origem sacerdotal (P) pelas análises diacrônicas. A análise estilística postula que, onde há estruturas concêntricas, seu centro contém a mensagem que foi considerada mais importante por quem efetuou a organização do material textual de maneira concêntrica. O redator final responsável pela organização dos materiais mais antigos de origem mosaica colocou escritos sacerdotais no centro do Pentateuco.

Hoje acredita-se em uma datação pós-exílica da composição final do Pentateuco, quando houve a reunião dos materiais deuteronomista e sacerdotal, juntamente com todos os demais fragmentos que compõem a moldura ao centro sacerdotal. A composição final deve ter sido, portanto, efetuada ou por escritores ligados às tradições deuteronomistas ou por ou por escritores ligados às tradições sacerdotais, as duas correntes teológicas mais expressivas do Pentateuco. A análise estilística revelou que a tradição deuteronomista foi colocada na moldura externa e que, na ocasião da redação final, foram colocadas no centro, posição de destaque literário, tradições eminentemente sacerdotais. Considerando também a coincidência cronológica da estimativa da composição final do Pentateuco com a datação estimada dos escritos sacerdotais, a análise comparativa efetuada entre as análises diacrônica e sincrônica, aponta que tenham sido redatores de alguma forma ligados às tradições sacerdotais os responsáveis (ou o responsável), no período pós-exílico, pela composição final do Pentateuco.

As novas tendências da crítica diacrônica do Pentateuco reafirmam a existência das tradições deuteronomista e sacerdotal identificáveis, delimitáveis e teologicamente coerentes. A análise estilística sincrônica percebe uma estrutura concêntrica no conjunto dos cinco livros, tendo em seu centro materiais textuais de origem na tradição sacerdotal. As duas análises, diacrônica e sincrônica, convergem, portanto, para a relevância do ambiente sacerdotal pós-exílico como provável *sitz im leben* do(s) responsável (is) por sua composição final. Em relação à esta, considerando a importância percebida do período pós-exílico e da tradição sacerdotal em sua escrita final, indícios apontam para a possibilidade da participação ativa, em tal processo, de Esdras, escriba hábil e sacerdote pós-exílico.

## REFERÊNCIAS

- ALTER, Robert; KERMODE. *Guia literário da Bíblia*. Tradução: Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: UNESP, 1997.
- ARTUSO, Vicente; CATENASSI, Fabrizio Zandonadi; ROSSI, Luiz Alexandre Solano. A formação do livro de Números no contexto da composição pós-exílica do Pentateuco. In: *Estudos Teológicos*. v.64, n.1, p.1-18, 2024.
- ARTUSO, Vicente. A Teoria documentária do Pentateuco: Aplicação e limites na análise de Nm 16-17. In: *Atualidade Teológica*. Ano XVI, n. 41, p. 279-299, 2012.
- BÍBLIA. Hebraico. *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. 4.ed. Stuttgart: Sociedade Bíblica Alemã, 1990.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia de Estudos Nova Almeida Atualizada*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.
- BOOM, Harold; ROSENBERG, David. *O livro de J*. Tradução: Monique Balbuena. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- BORTOLINI, José. *Pentateuco e história deuteronomista: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuterônimo, Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis*. Aparecida: Santuário, 2018.
- BRIGGS, Richard S.; LOHR, Joel N. *Introdução teológica ao Pentateuco: Uma análise da Torá como Escritura Sagrada*. Tradução: Giuliana Niedhardt. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2013.
- BROTZMAN, Elis R.; TULLY, Eric J. *Crítica textual do Antigo Testamento: uma introdução prática*. Tradução: Marco Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2021.
- BRUEGGMANN, Walter. *Teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Jonathan Luis Hack. São Paulo: Paulus; Santo André: Academia Cristã, 2014.
- CARNEIRO, Marcelo da Silva; FIGUEIREDO, José de Amaral; OTTERMANN, Monika (orgs.). *Pentateuco: da formação à recepção: contribuições ao VII Congresso ABIB-UMESP*. São Paulo: Paulinas, 2016.
- CAVALHEIRO, Emerson. *Livros Históricos: a soberania divina na condução da História de Israel*. Pindamonhangaba: IBAD, 2017.
- CHAMPLIN, Russell Norman. *O Antigo Testamento Interpretado: versículo por versículo. Volume I: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números*. São Paulo: Hagnos, 2018.
- COMFORT, Philip W. et al. *A origem da Bíblia*. Tradução: Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2024.
- CRÜSEMANN, Frank. *A Torá: Teologia e história social da lei do Antigo Testamento*. Tradução: Haroldo Reimer. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- FINKELSTEIN, Israel; RÖMER, Thomas. *As origens da Torá: novas descobertas arqueológicas, novas perspectivas*. Tradução: Renato Adriano Pezenti. Petrópolis: Vozes, 2022.
- FOHRER, Georg. *História da Religião de Israel*. Tradução: Josué Xavier. São Paulo: Academia Cristã / Paulus, 2021.
- FREUD, Sigmund. *Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos (1937-1939)*. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GALVAGNO, Germano; GIUNTOLI, Frederico. *Pentateuco*. Tradução de Ary E. Pintarelli. Petrópolis: Vozes, 2020.
- GEISLER, Norman L.; NIX, William E. *Introdução Geral à Bíblia: uma análise abrangente da inspiração, canonização, transmissão e tradução*. Tradução de A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2021.

- GERSTENBERGER, Erhard S. **Israel no tempo dos persas: Séculos V e IV antes de Cristo**. Tradução de Cesar Ribas Cezar. São Paulo: Loyola, 2014.
- GOTTWALD, Norman K. **Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica**. Tradução de Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulus, 1998.
- GUSSO, Antônio Renato. **Linhas Gerais e Novas Tendências da Crítica do Pentateuco**. In: *Via Teológica*. v.2, n.8, p. III-138, 2003.
- GUSSO, Antônio Renato. **O Pentateuco: Introdução fundamental e auxílios para a interpretação**. Curitiba: ADSantos, 2011.
- GUSSO, Antônio Renato. **Panorama Histórico de Israel para estudantes da Bíblia**. Curitiba: ADSantos, 2006.
- JOHNSON, Paul. **História dos judeus**. Tradução de Henrique Mesquita e Jacob Volfzon Filho. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- KATZENSTEIN, Ursula Ephraim. **Os escribas e sua significação para a transmissão escrita do pensamento**. In: *Bibliotecon*. UFMG, Belo Horizonte, v.10, n.1, p. 95-118, 1981.
- KLEIN, William W. **Introdução à interpretação bíblica**. Tradução de Maurício Bezerra Santos Silva. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.
- KUNZ, Claiton André. **Método histórico-gramatical**. In: *Via Teológica*. Curitiba, v.16, n.2, p. 195-226, 2008.
- LEWINSKI, Osmar. **“Coincidências” numéricas da Torá: os segredos nas entrelinhas da Torá e a precisão dos sábios judeus, provados matematicamente no texto escrito da Torá**. São Paulo: Maayanot, 2021.
- MARTINS, Jaziel G.; LUZ, Marcos. **As sombras de Platão como chave hermenêutica da cristologia de Hebreus**. In: *Via Teológica*. Curitiba, v. 24, n.48, p. 9-34, 2024.
- MORAES, Reginaldo Pereira de. **O descanso sabático em hebreus**. Tese (Doutorado em Teologia) - Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2018.
- OTTO, Eckart. **A Lei de Moisés**. Tradução de Monika Ottermann. São Paulo: Loyola, 2011.
- PINHO, Arnaldo. **Da Cruz de Cristo à natureza de Deus**. In: *Humanística e Teologia*. Lisboa, v. 33, n. 1, p. 23-30, 2012.
- PURY, Albert. **O Pentateuco em questão: As origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1996.
- REIMER, Haroldo. **O Antigo Israel: história, textos e representações**. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.
- RODRIGUES, Maria Paula. **Palavra de Deus, palavra da gente: as formas literárias na Bíblia**. São Paulo: Paulus, 2004.
- RÖMER, Thomas. **A chamada História Deuteronomista: introdução sociológica, histórica e literária**. Tradução de Gentil Avelino Tilton. Petrópolis: Vozes, 2008.
- RUBENS, David. **Pentateuco: história, composição e aspectos teológicos**. Pindamonhangaba: IBAD, 2020.
- SCARDELAI, Donizete. **O escriba Esdras e o judaísmo**. São Paulo: Paulus, 2012.
- SCHLAEPFER, Carlos Frederico; OROFINO, Francisco Rodrigues; MAZZAROLO, Isidoro. **A Bíblia: Elementos historiográficos e literários**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2019.
- SCHREINER, Josef. **O Antigo Testamento: um olhar atento para sua palavra e mensagem**. Tradução de Luís

- Marcos Sander. São Paulo: Hagnos, 2012.
- SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de exegese bíblica**: versão 2.0. São Paulo: Paulinas, 2022.
- SIMIAN-YOFRE, Horácio; GARGANO, Innocenzo; PISANO, Stephen. **Metodologia do Antigo Testamento**. Tradução de João Rezende Costa. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2015.
- SKA, Jean-Louis. **Antigo Testamento**: I. Introdução. Tradução de Silvana Cobucci Leite. Petrópolis: Vozes, 2018.
- SKA, Jean-Louis. **Introdução à leitura do Pentateuco**: chaves para interpretação dos cinco primeiros livros da Bíblia. Tradução de Aldo Vannucchi. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- SKA, Jean-Louis. **O Antigo Testamento**: explicado aos que conhecem pouco ou nada a respeito dele. Tradução de Leonardo Agostini Fernandes. São Paulo: Paulus, 2015.
- SKA, Jean-Louis. **O canteiro do Pentateuco**. Tradução de Jaime A. Clasen, Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2016.
- SOTELO, Daniel Martins. **A Torah e a Obra Histórica Deuteronomista**: as revisões sob influência persa no contexto sócio-histórico do pós-exílio. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2010.
- VITO, Francikley. **O texto bíblico**: abordagens diacrônica, sincrônica e literária de narrativas do Novo Testamento. In: Kerygma. v.9, n.1, p. 67-89 2014.
- VITÓRIO, Jaldemir. **Mateus**: o evangelho eclesial. São Paulo: Loyola, 2017.
- WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento**: manual de metodologia. São Paulo: Paulus, 1998.
- ZENGER, Erich at al. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Loyola, 2003.